



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

A SINGULARIZAÇÃO DO LEITOR: ENTRE PERFIS E PERSONAGENS

Lucianne Michelle de Menezes (UFF)

Resumo: Diante de uma narrativa, o receptor, de modo quase automático, espera encontrar ali personagens cujo delineamento se fará visível, ainda que isto nem sempre ocorra de forma precisa, nítida. Na ficção de Eça e Machado, há personagens que se definem pelos seus comportamentos de leitura, o que se relaciona aos efeitos de sentido proporcionados pelas obras. Porém, a construção de leitores, em certas passagens literárias, transcende a formatação habitual da categoria de personagem ou, de outro modo, há diferentes maneiras de se compor perfis de leitores, sem necessariamente enquadrá-los como personagens. Neste trabalho, discute-se a configuração de indivíduos que emergem, em determinadas obras, apresentando aspectos que os aproximam da categoria de personagem sem, no entanto, envolverem-se no enredo, como agentes. Tal técnica narrativa é um aspecto digno de atenção, considerando as estratégias de construção de leitores nos textos machadianos e queirosianos, constituindo-se também como um ponto que diferencia os dois escritores. Nota-se que, nas criações do brasileiro, avultam não apenas personagens cujas leituras interferem nos seus comportamentos (o que também se dá nas obras do autor português) mas são demarcados também perfis de leitores empíricos que são traçados à maneira de personagens.

Palavras-chave: leitores; personagens; perfis.

À medida que a leitura de uma obra literária avança, vão surgindo informações relativas aos agentes da ficção: caracteres físicos – embora, em alguns casos, não estejam minudenciados – aspectos do temperamento, sendo que estes se revelam gradativamente e, para além disso, vão-se esclarecendo também quais as relações que as personagens estabelecem entre si e as implicações disso para a trama ou para o episódio contado.

Na ficção de Eça e Machado, há personagens leitores que se definem pelos seus comportamentos de leitura e tal ato, em suas diferentes acepções, atrela-se aos efeitos de sentido proporcionados pelas obras. Porém, convém fazer, a esse respeito, uma importante observação: a construção de leitores, em certas passagens literárias, transcende a formatação habitual da categoria de personagem ou, de outro modo, há diferentes maneiras de se compor perfis de leitores, sem necessariamente enquadrá-los como personagens, pelo menos não na acepção usual de que “as personagens vivem no

enredo. Enredo e personagens exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. (ROSENFELD, 1998, p. 39).

Ao se considerar como personagem apenas o ente ficcional cuja atuação ocorre nos limites espaço-temporais da obra, ainda que tais fronteiras se alarguem e absorvam contextos de criação como a memória, os devaneios ou as representações oníricas, por exemplo, ainda assim ficariam à margem “seres” que emergem, em determinadas obras, apresentando aspectos que os aproximam da categoria de personagem, sem no entanto, envolverem-se no enredo, como agentes. Não se está aqui fazendo referência à categoria de narrador que, em certos casos, acaba por participar do enredo, não por meio de ações mas mediante comentários, digressões, emissões de juízo de valor ou simplesmente por meio de irônicas sugestões, em uma tentativa de manipulação do leitor (que se torna explícita aos que têm “olhos de ver”). Nesses casos, pode-se perceber que, embora seja marcante essa participação, que muitas vezes se faz como intervenção ousada e bem-humorada, ainda assim a função primordial é a de narrar, a de apresentar os fatos e, logicamente, as personagens a eles relacionadas. Mas, o que dizer de certos “entes” que surgem na narrativa, delineados sob características que os aproximam de seres humanos reais, tal qual ocorre com as personagens, sem no entanto interagir com elas, ou seja, sem conviver com os agentes que se movem na narrativa? Considere-se o que Rosenfeld (1998) define como recursos de caracterização:

os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor; graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza (p. 44).

Se a composição da personagem ocorre por meio da utilização de elementos que a aproximam de um ser vivo, real, com traços que elucidam seu temperamento, sua índole, o que dizer quando essa configuração é relativa ao leitor real? Poderia este também ser delineado, mediante atribuição de características que o particularizam? Tal estratégia de criação literária acaba por aproximar dois planos que, embora se comuniquem, são também distintos: o ficcional e o extraficcional. É certo que a criação literária incorpora muitos dados da realidade, utilizando-os como base para a construção de situações vivenciadas nos romances e contos, porém, ao se configurar o leitor empírico da obra, de modo semelhante ao que se nota na composição de personagens,

faz-se uma mescla, de modo bastante inovador, entre o que é puramente ficção e o que a transcende. Cria-se uma “ilusão de veracidade” uma vez que o leitor, além de ser incitado a atentar para os meandros narrativos, como um expectador privilegiado, também é definido, ganhando contornos e caracteres particulares.

É relevante esclarecer que tal técnica narrativa é um aspecto digno de atenção, considerando as estratégias de construção de leitores nos textos machadianos e queirobianos, constituindo-se também como um ponto que diferencia os dois escritores. Nota-se que, nas criações do brasileiro, avultam não apenas personagens cujas leituras interferem nos seus comportamentos (o que também se dá nas obras do autor português) mas são demarcados também perfis de leitores reais que possivelmente se debruçariam sobre tais narrativas e que são traçados à maneira de personagens.

Esses perfis são apresentados brevemente, mas, de modo recorrente e ainda revelam características bem específicas do leitor, como se observa no capítulo em que as personagens Bento e Capitu (*D. Casmurro*, 1889) traçam planos para o futuro, ainda na juventude:

Juramos novamente que havíamos de casar um com o outro, e não foi só o aperto de mão que selou o contrato, como no quintal, foi a conjugação das nossas bocas amorosas... [...] Quanto ao selo, Deus, como fez as mãos limpas, assim fez os lábios limpos, e a malícia está antes na tua cabeça perversa que na daquele casal de adolescentes. (ASSIS, 1995, p. 79).

Sem referência direta ao leitor, ainda assim pode-se notar que ele é definido como alguém cuja malícia se percebe facilmente, destacando-se a interferência dessa característica na interpretação do episódio narrado. É delimitado um comportamento de leitura de modo preciso, possibilitando entrever, neste trecho, características de personalidade atribuídas ao leitor. Como é destacada a sua suposta “mente perversa”, faz-se também um alerta ao modo de conduzir a leitura, para que uma “astúcia desenfreada” não venha a interferir no julgamento daquela cena descrita. Vê-se que o texto machadiano explora, de modo inovador, a ideia de que a leitura é sempre afetada pelas experiências e até mesmo pelo temperamento e/ou constituição moral de quem lê. Nas palavras de Barthes (2004):

Toda leitura procede de um sujeito e desse sujeito se separa apenas por mediações raras e tênues, o aprendizado das letras, alguns processos retóricos, para além dos quais é o sujeito que depressa se encontra na sua estrutura própria, individual: ou desejanse, ou perversa, ou paranoica, ou imaginária, ou neurótica – e, bem

entendido, também em sua estrutura histórica: alienado pela ideologia, por rotinas de códigos. (p. 41,42).

Não há como dissociar, portanto, no ato da leitura, as marcas culturais, o conhecimento prévio e até mesmo a configuração particular, em que pesem preferências, ritmo e envolvimento com o que se lê, pois todos esses são aspectos individuais, característicos de cada leitor.

No que se refere ao texto machadiano, curiosamente, embora tenha singularizado o leitor, pondo em evidência sua suposta índole maliciosa, conforme o já apresentado fragmento de *D. Casmurro*, encontra-se, no mesmo romance, uma referência totalmente avessa, ou seja, presume-se que a leitura é realizada por alguém cuja severidade nos julgamentos morais põe em dúvida a continuidade da leitura. É o que se observa no trecho em que o narrador rememora algumas de suas sensações: “Uma dessas, e das primeiras, quisera contá-la em latim. Não é que a matéria não ache termos honestos em nossa língua, que é casta para os castos, como pode ser torpe para os torpes. Sim, leitora castíssima, como diria meu finado José Dias, podeis ler o capítulo até o fim, sem susto nem vexame”. (ASSIS, 1995, p. 87). Nota-se que, antes de narrar determinadas lembranças suas, a personagem Bento esclarece a leitora, enfatizando que os fatos a serem expostos não irão ferir os seus valores morais, nem causar-lhe qualquer espécie de mal-estar. É criado, portanto, um perfil para quem lê a obra: trata-se de uma mulher, possui rígidos princípios e pode, por isso, abandonar a leitura do livro, caso se sinta desrespeitada. Ficam bem definidos os traços que singularizam o indivíduo leitor e, inclusive, contrastam com o perfil apresentado anteriormente, em que prevaleciam caracteres como astúcia, malícia. De qualquer modo, o texto machadiano vai compondo leitores que, à maneira de personagens, particularizam-se.

Ainda acerca desse fragmento, acrescenta-se que, não apenas nessa ocasião, mas em várias passagens das narrativas de Machado, faz-se referência à mulher, como leitora de romances. No século XIX, ler tal gênero era prática essencialmente feminina e frequente nas classes sociais mais elevadas economicamente, pela maior disponibilidade não só de tempo, como também pelo fato de possuírem maior poder aquisitivo para comprar os livros. Outra razão apontada por Watt (2007) para o romance ser lido constantemente por mulheres é a que está exposta a seguir:

As mulheres das classes alta e média podiam participar de poucas atividades masculinas, tanto de negócios como de divertimento. Era raro envolverem-se em política, negócios ou na administração de suas

propriedades; tampouco tinham acesso aos principais divertimentos masculinos, como caçar ou beber. Assim, dispunham de muito tempo livre e ocupavam-no basicamente devorando livros (WATT, 2007, p. 41).

Observa-se que, ao compor perfis de leitores empíricos, não apenas distinguem-se figuras femininas no tocante aos seus atributos de personalidade, mas também se supõe a sua faixa etária, como se pode perceber no trecho em que são descritos os braços de Capitu (*D. Casmurro*), em comparação aos da leitora:

De dançar gostava, e enfeitava-se com amor quando ia a um baile, os braços é que... Os braços merecem um período. Eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade, nem os seus leitora, que eram então de menina, se eram nascidos, mas provavelmente, estariam ainda no mármore, donde vieram, ou nas mãos do divino escultor. (ASSIS, 1995, p. 140).

Faz-se nitidamente uma caracterização da leitora, mediante a idade que supostamente possui e isto é ainda mais evidente em *Esaú e Jacó* (1904), pois, nesta obra, tal dado é mais específico, como se verifica na cena em que se discute a consulta que a mãe dos gêmeos protagonistas havia feito a uma adivinha, a fim de saber sobre o futuro dos filhos: “Talvez a leitora, no mesmo caso, ficasse aguardando o destino; mas a leitora, além de não crer (nem todos creem) pode ser que não conte mais de vinte e dois anos de idade, e terá a paciência de esperar. Natividade, de si para si, confessava os trinta e um, e temia não ver a grandeza dos filhos”. (ASSIS, 1999, p. 31).

Para além de supor a idade de quem o lê, nota-se que o narrador machadiano também formata outro atributo que é o fato de a leitora não acreditar em adivinhações, previsões. Tal aspecto é apresentado de modo mais incisivo, pois é assegurado que ela não crê; é feita, portanto, uma afirmação em tom de convicção, o que não se vê na referência à idade, em que ainda há alguma suposição. Mas, ao tratar do fato de a leitora não se deixar enredar por profecias, nota-se maior segurança no relato, como se de fato estivesse sendo delineada não a leitora, externa à obra e comumente desconhecida, mas uma personagem com características próprias.

Convém esclarecer que, em termos literais, não há como definir quem lê a obra, a menos que esta seja de antemão direcionada a alguém, como se vê por exemplo em romances que se compõem mediante a estruturação de várias cartas – com destinatário certo – mas que vão narrando os fatos e apresentando as personagens através desse mecanismo. Nesses casos, é como se o leitor estivesse tendo a acesso a uma

correspondência particular e desse modo conhecendo os agentes e os fatos ali narrados. Mas, no caso das obras machadianas aqui referidas, a singularização do leitor é na verdade um artifício de criação literária que, além de propiciar uma interação entre o texto e o leitor real, atesta o fato de que são diversas as possibilidades de leitura, uma vez que são também múltiplas as personalidades que a desempenham, cada uma a seu modo e imersa em um contexto distinto. E isto não apenas se refere a diferentes momentos históricos em que leitores se debruçam sobre a obra machadiana, mas destaca-se também o fato de que, ainda que imersos em um mesmo panorama sociocultural, variadas leituras ocorrem porque são também vários os temperamentos, conhecimentos e experiências de quem lê, ou seja, constituem-se “personagens da vida real”, com atributos singulares.

Falou-se há pouco que a leitura romanesca, nos oitocentos, era comumente realizada por mulheres, entretanto, o texto machadiano não desconsidera a possibilidade de ter como receptor um homem. E, como o destaque é a singularização do leitor, observa-se que até um possível ofício para ele é traçado:

[...] pedi a Deus que me perdoasse e salvasse a vida de minha mãe, eu lhe rezaria dois mil padre-nossos. Padre que me lê, perdoa este recurso; foi a última vez que o empreguei. A crise em que me achava, não menos que o costume e a fé, explica tudo. Eram mais dois mil; onde iam os antigos?” (ASSIS, 1995, p. 101).

Trata-se de uma cena de *D. Casmurro*, em que Bentinho recorre mais uma vez a uma promessa, a fim de ter um pedido seu atendido por Deus, porém, como não cumpriu as que fizera anteriormente, sentia-se em dívida. Ao narrar a situação, ele não apenas pressupõe um leitor que é padre, como antevê a censura que este lhe faria pelas promessas não honradas e pede logo o perdão. Mais uma vez, constrói-se um perfil de leitor, como se este atuasse à maneira de uma personagem que vai posicionar-se, agir e reagir de acordo com as situações que surgem. E é tão convincente tal efeito, que de fato o narrador dirige-se a ele com um específico pedido de remissão de culpa, como se tal leitor estivesse de fato inserido na história.

Ainda com relação a perfis femininos e masculinos de leitores, evidencia-se que no texto machadiano, para além de se delimitar os caracteres, como se personagens fossem, ainda são estabelecidas as diferenças nos comportamentos e reações de leitura que cada um pode apresentar:

Aires concordou rindo. Para Natividade valia por uma tentativa nova. Confiava na ação do conselheiro, e para dizer tudo... Não sei se diga... Digo. Natividade contava com a antiga inclinação do velho diplomata. As cãs não lhe tirariam o desejo de a servir. Não sei quem me lê nesta ocasião. Se é homem, talvez não entenda logo, mas, se é mulher creio que entenderá. Se ninguém entender, paciência; basta saber que ele prometeu o que ela quis, e também prometeu calar-se, foi a condição que a outra lhe pôs. (ASSIS, 1999, p. 74,75).

Neste fragmento, oriundo do romance *Esau e Jacó*, destaca-se a sagacidade feminina para compreender as estratégias de ação de que pode se valer uma mulher, quando se propõe a realizar um intento. A personagem Natividade queria contar com o auxílio do amigo, o conselheiro Aires, para tentar unir os filhos e, esperava lograr êxito porque sabia que aquele homem, antigo admirador seu, não lhe negaria um desejo. É enfatizado que a leitora perceberia a astúcia da personagem quando reverte, em seu benefício e dos filhos, o apreço devotado pelo conselheiro, circunstância que talvez não fosse percebida de imediato por um receptor masculino, uma vez que este não dispõe da perspicácia feminina, segundo o narrador. Desse modo, verifica-se que embora o leitor da obra machadiana seja particularizado em várias passagens, mediante caracterizações bem específicas, há, em outros momentos, uma construção mais generalizada que estabelece como se processa a leitura masculina e a feminina. Esta última teria a vantagem de identificar certos pormenores mais sutis, embora bastante relevantes, que poderiam passar despercebidos pelo leitorado masculino. Esse potencial feminino estaria diretamente ligado à própria natureza da mulher, habituada a detectar simultaneamente diferentes informações, “lendo as entrelinhas”.

Por outro lado, na mesma obra, pode-se encontrar uma alusão à leitora, em que enfaticamente é definido o aspecto fulcral de sua leitura: “O que a senhora deseja, amiga minha, é chegar já ao capítulo do amor ou dos amores, que é o seu interesse particular nos livros.” (ASSIS, 1999, p. 58). Restringe-se, portanto, a leitura feminina à mera expectativa pelo desenrolar de tramas amorosas, o que pode indicar que a sagacidade em enxergar o que os homens não percebem, quando leem, está muitas vezes associada a temas de cunho sentimental. O texto de Machado, como o de Eça, em *O primo Basílio* (1878), aponta as limitações do universo feminino que se estendem ao seu comportamento como leitoras; a falta de espaço e de oportunidades de atuação na sociedade oitocentista atrelava a perspicácia feminina apenas a temáticas afetivas, na grande maioria dos casos. No texto do autor português, esse perfil de leitora é construído na categoria de personagem e o desempenho desta, ao ler, acaba por definir

sua personalidade, seus modos e suas ações, o que irá interferir diretamente no enredo. E, em relação ao perfil construído, nota-se que suas preferências de leitura e as reações que manifesta ao ler são delineadas de modo mais detalhado, em que cada pormenor faz-se útil à compreensão plena da personagem:

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na *voltaire*, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada. Era a *Dama das camélias*. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver. (QUEIRÓS, 2004, p.20)

A especificação da obra lida, na cena descrita, bem como a exposição do nome do autor lido, na juventude, contribuem para a composição de Luísa, demonstrando que ela possuía um interesse por criações que revelavam sentimentalismo e que continham aventuras heroicas; tais aspectos a conduziam para um universo mais encantador que aquele configurado na rotina da vida que levava. Os temas que lhe chamavam a atenção eram exatamente os que mais destoavam daquilo que a rodeava no cotidiano e, desse modo, ela se projetava para o cenário lido.

A leitura de romances, na composição das personagens queirosianas, surge frequentemente como uma característica que revela o tédio a envolver os dias dessas mulheres, impedidas de terem uma participação social efetiva, de modo que o seu mundo definia-se pelas questões familiares e afetivas. Ler servia apenas para entreter-se e muitas vezes, já que as temáticas eram normalmente de cunho romântico, serviam também para estimular paixões, sentimentalismo. É o que se observa na descrição que surge em *O crime do padre Amaro* (1880), relativa à esposa do tio do protagonista: “[...] passava os seus dias lendo romances, as análises do teatro nos jornais, vestida de seda, coberta de pó-de-arroz, o cabelo em cachos, esperando a hora em que passava debaixo das janelas, puxando os punhos, o Cardoso, galã da Trindade.” (QUEIRÓS, 2004, p. 32).

Semelhante informação pode ser observada em outro trecho, da mesma obra, quando é feita uma referência aos hábitos de leitura da personagem Amélia e de sua mãe: “Riam; vinham as histórias do dia. O Cônego costumava trazer no bolso o *Diário*

Popular; Amélia interessava-se pelo romance, a S. Joaneira pelas correspondências amorosas nos anúncios.” (QUEIRÓS, 2004, p. 76). Vê-se que as atenções femininas estavam comumente associadas a temas afetivos e, quando se viam diante de um exemplar de jornal, buscavam neste o que lhes era atrativo. O texto de Eça, portanto, revela preferências e comportamentos de leitura apenas por meio dos caracteres que compõem as personagens; nesse caso específico, as femininas. Já em Machado, encontram-se não apenas personagens leitoras que se revelam pelas opções e desempenho ao ler, mas uma outra forma de composição muito semelhante àquela feita com relação aos entes ficcionais: o esboço do leitor real, que é delineado, particularizado, como se personagem fosse.

Enquanto em obras de Machado são presumidas as reações do leitor empírico, na ficção queirosiana, tal projeção é operada pelos personagens entre si, ou seja, é um deles quem vai conjecturar como reagirá a outra personagem. Um exemplo preciso ocorre em *O primo Basílio*, quando é revelada, de forma irônica, a ingenuidade da personagem Luísa ao supor o tipo de leitor que era o seu primo. Quando tenta resistir às suas investidas, ela cogita escrever-lhe uma carta, pedindo que se afastasse; seleciona as palavras de modo a parecer “seca e fria; não diria *meu querido primo*, mas simplesmente *primo Basílio*” (QUEIRÓS, 2004, p. 93, grifos do autor). Diante dessa sua suposta aspereza, Luísa imaginava a reação dele, com base num comportamento que na verdade era seu: “E que faria ele, quando recebesse a carta? Choraria, coitado! Imaginava-o só no seu quarto de hotel, infeliz e pálido [...]” (QUEIRÓS, 2004, p. 93). Luísa julgava o primo por si, transferia para ele um comportamento passional típico da personalidade dela e, exatamente por isso, supunha como reagiria Basílio, ao ler os seus escritos.

Apreender ou não aquilo que o texto propõe vai depender não apenas da rede de significados ali inscrita, mas também dos modos pelos quais a leitura se desenvolve, isto é, a maneira pela qual o leitor a exerce. Ele poderá, no exercício da recepção textual, confrontar as próprias ideias com aquelas trazidas pela obra, de modo a transformar a leitura em um ato que se realiza de modo particular. Nas palavras de Manguel (1997): “Ler não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas é um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal” (p. 54).

Uma vez que a operação do ler constitui-se de modo particular, compreende-se o mecanismo machadiano de singularização do leitor real, de maneira a considerar diferentes modos de se receber a obra, distintos mecanismos de compreensão e construção de sentidos. Expõem-se impressões, opiniões e críticas atribuídas a quem lê e elas são levadas em consideração, na continuidade da narração, ainda que para serem contestadas, refutadas ou tão somente reafirmadas. O fato é que se utiliza um mecanismo inovador de interação com o leitor, possibilitando perceber alguns artifícios criados para envolvê-lo na trama, como se personagem fosse. Em textos queirobianos, por outro lado, notam-se criações de perfis de leitores que de fato estão inseridos no enredo, como agentes ficcionais; seu desempenho, ao ler, revela dados de sua composição associada, muitas vezes, a uma estratégia de forte criticidade. De qualquer modo, seja por meio da singularização do leitor externo à obra – recurso observado em textos machadianos – ou mediante a construção de personagens leitores – expediente encontrado em Eça e em Machado – evidencia-se que a leitura surge como uma prática reveladora de temperamentos, papéis sociais, crenças, posicionamentos ideológicos, gostos, tendências e uma ampla gama de possibilidades. Todas estas características, associadas ao ler, considerando tanto os leitores situados na ficção, como os empíricos, permitem perceber também alguns mecanismos de criação literária em ambos os autores, o que favorece um entendimento amplo das obras, além de um eficaz processo de interação com o texto.

Referências

ASSIS, Machado de. *D. Casmurro*. São Paulo: Ática, 1995.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1995.

BARTHES, Roland. Da leitura. _____ *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUEIRÓS, Eça. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Ática, 2004.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Ática, 2004.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.